

CARACTERIZAÇÃO DA SUÍTE SERRA DO OLHO D'ÁGUA DO CUNHA, TERRENO ALTO MOXOTÓ (PROVÍNCIA BORBOREMA), NA REGIÃO SUDOESTE ENTRE SUMÉ E MONTEIRO (PB)

Gilzenia Henrique do Nascimento¹; Edilton Santos²; João Adauto de Souza Neto³; Luis Christian De Montreuil Carmona⁴; Emerson Marcello Ferreira Anastácio⁵

¹ UFPE; ² UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO; ³ UFPE; ⁴ UFPE; ⁵ UFPE

RESUMO: A área em foco está localizada entre as cidades paraibanas de Monteiro e Sumé e, geologicamente, no Terreno Alto Moxotó, domínio paleoproterozóico da Subprovincia Transversal da Província Borborema (Santos, 1996), cuja evolução está associada aos eventos de acreção juvenil riaciano-orosiriano, do embasamento da Província Borborema. Relacionado com a evolução paleoproterozóica, distingue-se quatro unidades geológicas: (i) Complexo Floresta, formada por gnaisses bandados, com abundantes intercalações de rochas metamáficas anfibolíticas, incluindo raras rochas calciossilicáticas e minério de Fe-Ti; (ii) Suíte Olho d'Água do Cunha, unidade destacada do antigo Complexo Sumé, que inclui uma associação de metassienitos e metapiroxenitos, com metagabros e raras rochas metacarbonáticas; (iii) Complexo Sertânia (biotita gnaiss com granada e/ou sillimanita, biotita gnaiss, calcário cristalino, rocha calcissilicática, quartzito e raro anfibolito) e, (iv) Metagranitóides e Migmatitos Serra de Jabitacá (ortognaiss tonalítico-granodiorítico com anfibolito e migmatito granítico com mesossoma composto por biotita gnaiss). Essas rochas são estruturadas em um trend geral norte-sul, que é redefinido por zonas de cisalhamento contracionais com transporte para E/SE e zonas de cisalhamento transcorrentes NE-SW. Um enxame de diques inédito, de idade ediacarana, foi encontrado na parte sudeste da área, podendo fazer parte tanto ao enxame de diques félsicos da Suíte Sucuru (granodioritos e dacitos porfíricos), quanto ao enxame de diques de Monteiro. Neste trabalho está sendo dada ênfase à Suíte Olho d'Água do Cunha, que é formada por uma associação metassienítica-piroxenítica intrusiva no Complexo Floresta. Essas rochas coexistem no mesmo afloramento, com relações que parecem resultantes de um mecanismo de imiscibilidade de líquidos. Os metassienitos são formados por feldspato alcalino, titano-augita, diopsídio, arfvedsonita, abundante titanita, apatita e minerais opacos, além de um mineral de alteração que parece ser cancrinita, o que denunciaria a presença de uma fácies subsaturada, com nefelina. Os piroxenitos são formados por clino e ortopiroxênios, com algum plagioclásio, titanita e apatita, variando, localmente para fácies gabróides. As rochas metacarbonáticas estudada são formadas por calcita e clinopiroxênio, possuindo, localmente, agregados (nódulos?) piroxeníticos (Santos et al. 2008b). Nesta suíte foi identificada uma mineralização de apatita, encaixada em skarns resultantes de metassomatismo sofrido pelas rochas metamáficas-ultramáficas, de suposta filiação alcalina. Nesta área tem sido igualmente relatada ocorrências de vermiculita associadas às rochas supracrustais encaixantes (Beurlen 1965). Esse contexto geológico e metalogenético sugere a existência de um magmatismo anorogênico, pós-orogênese riaciano-orosiriana, como tem sido constatado em outras áreas do Terreno Alto Moxotó (p. ex., em Itatuba, PB) ou em outros blocos paleoproterozóicos da Subprovincia Transversal (p. ex. no Terreno Rio Capibaribe, em Passira e Taquaritinga do Norte, PE). Levanta-se a hipótese de uma associação metassienítica-piroxenítica-metacarbonática com mineralização de apatita, que implicaria em grande potencial econômico para essa área.

PALAVRAS-CHAVE: ROCHAS METACARBONÁTICAS; MINERALIZAÇÃO DE APATITA.